

# RESULTADOS DO CONGRESSO

GIORGIO FRASCA POLARA

O resultado da votação que sanciona a reeleição de Occhetto (213 sim, 23 não, 71 abstenções; 5 votos em branco) fecha, às quatro horas da tarde uma curta mas significativa reunião do Comitê Central eleito poucas horas antes, durante a fase conclusiva dos trabalhos do congresso extraordinário. Quando, no grande caldeirão do Palácio do Esporte, se encontraram sozinhos os membros do CC para dar prosseguimento às primeiras medidas estatutárias, com efeito, tinha sido amadurecida — não sem dificuldades — uma solução unitária significativa.

A confirmação implícita vem da proposta formulada por Ugo Pecchioli, que tinha presidido os últimos atos congressuais, de eleger presidente do Comitê Central o companheiro Aldo Tortorella, um dos mais destacados signatários da moção 2 (na direção desde 1969, coordenador da secretaria na época Berlinguer, ex-diretor de *L'Unitá*, hoje ministro do Interior do governo sombra). Nenhuma proposta diferente, nenhuma declaração de voto, ao contrário, um caloroso aplauso que quer expressar também a compreensão carinhosa pela ausência de Tortorella, após o mal-estar de que foi acometido na quinta-feira de manhã.

O escrutínio secreto processa-se rapidamente: após meia hora já é anunciado o resultado: para o nome de Tortorella convergiram 280 votos, os não foram 14; abstenções, 15; votos em branco, 2; votos nulos, 1. No total 312 votantes, o mesmo número (45 a menos que o *pleno*) dos participantes que irão eleger daqui a pouco o novo secretário-geral do partido. Tortorella fica sabendo de sua eleição por telefone, na clínica de repouso em Parma: “Mas como terá acontecido?” pergunta um Tortorella alegre e surpreso. “Será verdade?”, insiste. Depois, sempre por telefone, pede a *L'Unitá* que transmita seu agradecimento “a todas as companheiras e companheiros que quiseram me dar esta prova de confiança”. “Bem sei — acrescenta — que esta eleição vai além de minha pessoa e quis dar, em um momento delicado, um significado unitário para todos os companheiros que manifestaram uma opinião diferente daquela da maioria. Estar unidos nas diferenças é coisa difícil mas é essencial para as tarefas que competem a um partido tão grande”. E conclui, antes de partir de carro, de volta para Roma: “Espero poder substituir dignamente o companheiro Natta, ao qual dedico toda a minha afeição”.

Enquanto isso, no Palácio do Esporte, na ausência de Tortorella, é Giglia Tedesco, recém-eleita presidente da Comissão Nacional de Garantia, quem propõe a candidatura de Occhetto. Mas, após a ampla convergência sobre Tortorella, tanto os delegados da moção 2 como aqueles da moção 3 assumem posições diferenciadas: abstenção dos primeiros (que tinham

decidido pouco antes em uma reunião em separado), voto contrário dos segundos, com uma justificativa, perante o Comitê Central, de Gianmario Cazzaniga: “Permanecem”, ele diz, “as divergências; não há resposta com relação às regras da fase pós-congressual; não temos nenhuma restrição em relação à pessoa de Occhetto, mas uma posição de caráter político e não preconceituosa: se nos próximos e difíceis meses forem dadas respostas convincentes sobre as regras e a gestão unitária nós as consideraremos com atenção para uma eventual nova reflexão”.

Em seguida, o novo escrutínio secreto, ainda mais veloz, e o resultado: para Occhetto, 213 sim, 23 não, 71 abstenções, 5 votos em branco. Um caloroso aplauso cobre as últimas palavras com as quais Giglia Tedesco anuncia o resultado da votação secreta. Achille Occhetto é proclamado secretário-geral pela terceira vez, após o Comitê Central de julho de 88 em consequência da demissão de Alessandro Natta, e na conclusão do 18º Congresso, um ano atrás, em Roma. Poucas palavras de Occhetto para agradecer “todos os companheiros do Comitê Central, os que votaram em mim, os que se abstiveram e também aqueles que se expressaram contra a minha candidatura, mas com um espírito que exprime, conforme o testemunho de Cazzaniga, uma confiança confirmada, do ponto de vista pessoal”.

O secretário-geral aproveita a ocasião para acentuar que “começou a se manifestar aquela confiança de todos em relação a todos, que evocara nas conclusões”, e da qual a eleição de Tortorella é “um elemento de garantia adicional para os nossos organismos”. Por fim, Occhetto assegura que “levaremos em conta tudo isso ao determinar o governo unitário do partido”. E submete à aprovação do CC a comissão que deverá elaborar rapidamente toda a matéria das características e da composição dos outros organismos de partido. Fazem parte dela onze componentes da moção 1, cinco da moção 2, um da moção 3.

A eleição, no período da manhã, do Comitê Central foi uma consequência direta das votações que no coração da noite (as urnas fecharam às 2:30h; uma curiosidade: entre os últimos a votar esteve a grande parte dos delegados milaneses) tinham empenhado 1.088 dos 1.092 delegados sobre as moções congressuais. A moção apresentada por Achille Occhetto obteve 726 votos, correspondentes a exatos 67%, quase um ponto a mais na porcentagem obtida nos congressos das federações. Aquela apresentada por Angius, Ingrao, Natta e Tortorella recebeu 322 votos (contado também o voto de Tortorella, ausência plenamente justificada) que corresponde a 30%. A moção de Cossuta, por fim, foi votada por 37 delegados, correspondendo a 3%. Duas as abstenções; Gian Carlo Pajetta e Franco Ottolenghi.